The background features a collage of historical figures and symbols. On the left, a portrait of a man in a suit and bow tie. In the center, a large, ornate chair. On the right, a portrait of a man in a military-style uniform with a crown. The entire background is in a sepia or brownish tone.

UFRGS

**PROFESSORES
EMÉRITOS**
MEMÓRIAS E HISTÓRIA



UFRGS
PROFESSORES EMÉRITOS
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

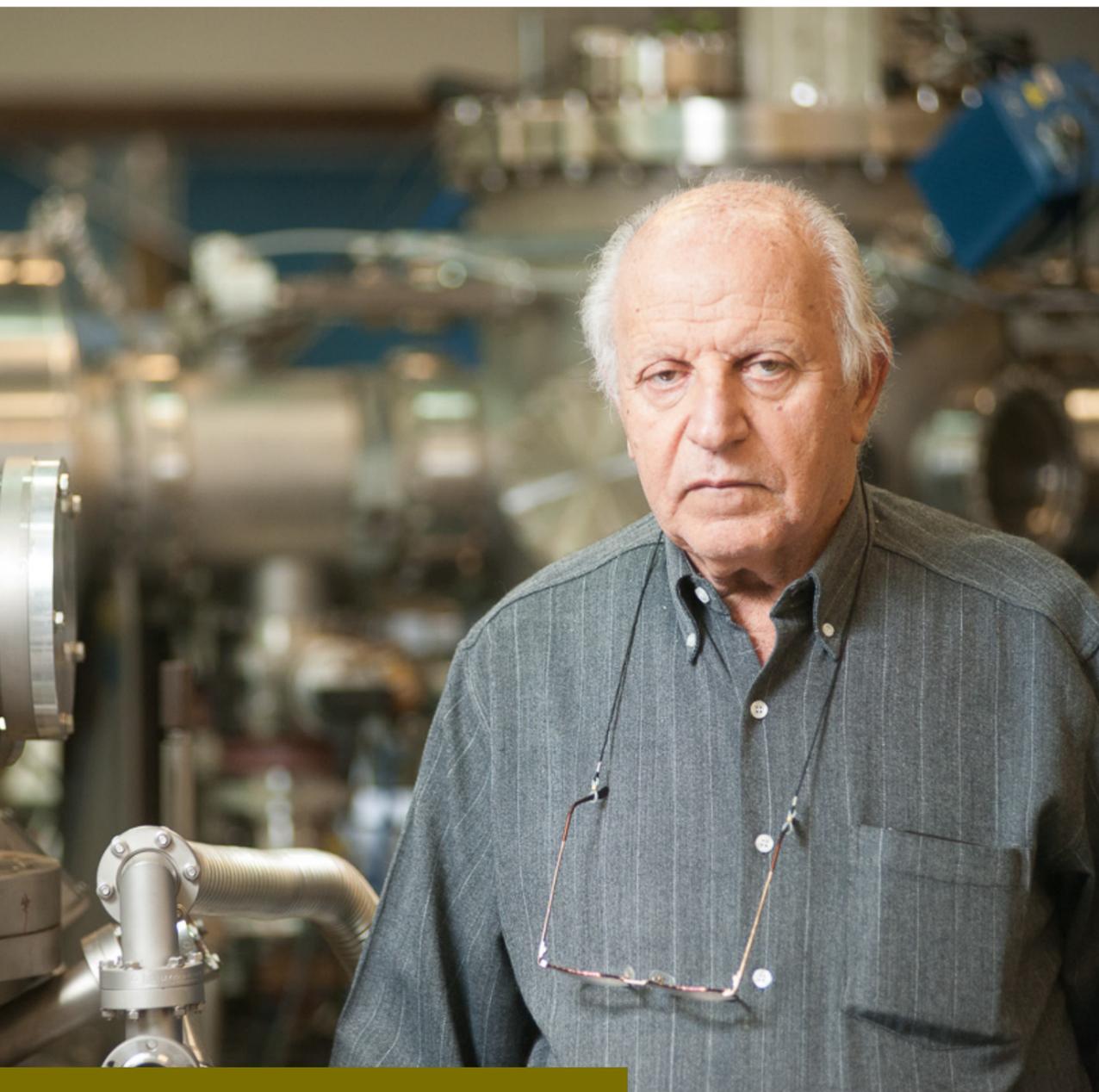
UFRGS

PROFESSORES
EMÉRITOS
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

Clarice Siedler

Édina Rocha

MONI BEHAR



Entrevista concedida em abril de 2013. Foto: Flávio Dutra

2012

RECEBE O TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO DA UFRGS

236

ORGULHO DE TER PARTICIPADO DA CONSTRUÇÃO DE UM LABORATÓRIO QUE É REFERÊNCIA INTERNACIONAL

“Em algum momento, pensamos em dar um passo à frente, o que significava comprar um acelerador que tivesse energia maior para fazer outro tipo de pesquisa além da que estávamos fazendo.”

Uma sólida formação profissional, muita dedicação e paixão pelo novo, pela descoberta são algumas das características presentes nos pesquisadores cujas trajetórias são marcadas pelo sucesso. Algumas vezes, no entanto, a estas se somam as coincidências, circunstâncias que interferem positivamente em suas carreiras. É o caso, por exemplo, de Moni Behar. Talvez ele fosse famoso em seu país ou em qualquer outro, mas uma série de acontecimentos entrelaçados fez com que se tornasse um dos principais integrantes do grupo do Instituto de Física da UFRGS, que é considerado o melhor da América Latina em sua área e referência internacional: o Laboratório de Implantação Iônica.

Hoje, o cientista argentino é Professor Emérito da UFRGS, mas, ao contrário da maioria, não fez sua for-

mação aqui. Após cursar a graduação e o doutorado em Física na Universidade de Buenos Aires, foi para os Estados Unidos fazer um curso de pós-doutorado na Purdue University. Um dia, seu orientador lhe deu um problema difícil de resolver. Ao revisar a bibliografia especializada, descobriu que em uma cidade do Brasil chamada Porto Alegre havia um grupo que estudava o mesmo assunto, dirigido pelo professor Fernando Zawislak. De volta à Argentina, fez contato com a equipe gaúcha e logo teve início um período de profícua colaboração mútua.

O docente explica que sua história profissional tem dois momentos e vários aspectos em comum com a do Fernando, como se refere ao companheiro de trabalho. Em comum eles têm o Instituto de Física, que Zawislak acompanhou desde o início e ao qual Behar se incorporou na década de 1970 por dois anos como professor visitante. Seu país passava por uma época difícil com o governo militar, então resolveu aceitar o convite do colega – com quem já mantinha grande interação – para ficar um tempo em Porto Ale-

1966

CONCLUI A GRADUAÇÃO EM FÍSICA PELA UNIVERSIDADE DE BUENOS AIRES (ARGENTINA)

237

gre. “Ele tinha montado um grupo em Física Experimental que, quando cheguei, estava subindo de produção, e com a minha vinda – a de um professor teórico argentino – acho que alcançamos o ápice de produção que nos projetou dentro da comunidade internacional”, comenta.

De 1973 a 1976, Behar trazia de Buenos Aires matéria-prima para ser pesquisada aqui, ficava uns dias ou até um mês e depois retornava para lá. Com o golpe militar de 1976 na Argentina, o qual define como muito sangrento, começou a ocorrer o desaparecimento de muitas pessoas, inclusive de “colegas meus, e até hoje não sei bem por que sumiram”, e o medo se fez presente no meio acadêmico. Como outros profissionais, tinha receio de que seu nome estivesse na agenda de alguém que caísse nas mãos da ditadura e que pudesse ser o próximo a desaparecer. Veio com a família e permaneceu aqui até receber de lá uma proposta muito interessante, que era de comprar e fazer funcionar um acelerador nuclear de alta energia, e esse desafio o levou outra vez à sua terra natal. Ficou tra-

balhando no programa até que, em 1982, viu “que a coisa não funcionava muito bem, que a situação era ruim e entrei em contato outra vez com o professor Zawislak e ele me disse ‘olha, trocamos de tema’. Pensei que não havia problema em mudar da Física Nuclear Experimental a algo desconhecido para mim denominado Implantação Iônica”.

Embora tivesse possibilidade de ir ao Canadá, escolheu vir para o Brasil porque considera muito parecido com a Argentina. “Foi uma boa solução porque a Física Nuclear que eu fazia estava em decadência, então, se tivesse ido para o Canadá, em algum momento teria de trocar de campo de pesquisa, porque isso logo já não teria mais interesse.” A semelhança, especialmente climática, e a experiência anterior ajudaram a adaptação da família a ser rápida e tranquila nessa mudança definitiva para o Rio Grande do Sul. Sua esposa rapidamente conseguiu trabalho aqui – ela é professora de Música e Educação Corporal – e os filhos foram para o colégio, “apesar de que para as crianças sempre é um pouco complicado mudar de ambiente, eles se adaptaram”.

Em Porto Alegre, encontrou um projeto totalmente diferente. Devido à iniciativa do coordenador, o grupo havia mudado de área de

investigação, entrando numa totalmente nova, não só na Universidade como em toda a América Latina: a da Implantação Iônica. Ele explica que, para fazer esse tipo de técnica, são necessários aceleradores, equipamentos de valores proporcionalmente altos, de milhares de dólares. Quando chegou à UFRGS ajudou na instalação do equipamento, que foi adquirido com recursos da Finep (Financiadora de Estudos e Projetos). Dos quatro fundadores do laboratório, ele era o único que entendia desse tipo de máquinas, porque vinha da Física Nuclear Experimental, e esses implantadores são uma espécie de aceleradores nucleares de baixa energia. Montaram o laboratório e começaram a trabalhar, partindo do zero. O fato de estarem tratando de um tema inédito no continente, interessante e atrativo, fez com que o grupo crescesse rapidamente.

“Em algum momento, pensamos em dar um passo à frente, o que significava comprar um acelerador que tivesse energia maior para fazer outro tipo de pesquisa além da que estávamos fazendo.” O equipamento era bem caro e só a Finep tinha condições de financiá-lo. O procedimento regulamentar nesses casos era a apresentação de um pré-projeto para ser analisado pela agência e, se este fosse considerado interessante pelo

órgão, era aprovado, e então a equipe entrava com o projeto definitivo. Foi tudo preparado e encaminhado à Financiadora, que o aprovou, mas um fato político interrompeu o processo. “Isso coincidiu com a eleição de Fernando Collor de Melo a presidente do Brasil, o qual congelou tudo, e aí acabou nosso sonho. Não se falou mais, porque até a poupança estava congelada, assim que não tinha dinheiro para nada.” Essa foi a parte mais frustrante de sua história como pesquisador, diz Behar. No ano da cassação de Collor (1992), assumiu Itamar Franco, que começou uma política de privatizações e parte do dinheiro obtido com a iniciativa foi destinado a financiar a Ciência. Então, o grupo entrou de novo com o projeto, que já era bastante diferente porque na Física tudo é dinâmico.

A equipe conseguiu o dinheiro necessário para comprar o equipamento, que é muito complexo. Levaram seis meses idealizando o “acelerador de 3MV” com todas as características de que precisavam, desenhando tudo e explicando o que queriam, porque havia a necessidade de licitação e não podiam correr o risco de que o vendedor tentasse vender algo que não fosse compatí-

1970

TORNA-SE DOUTOR EM FÍSICA PELA UNIVERSIDADE DE BUENOS AIRES (ARGENTINA)

1973

FAZ PÓS-DOUTORADO NA PURDUE UNIVERSITY (EUA)

238

1980

POR INICIATIVA DO PROFESSOR FERNANDO ZAWISLAK É CRIADO NO INSTITUTO DE FÍSICA O LABORATÓRIO DE IMPLANTAÇÃO IÔNICA

239

vel com as necessidades. Há duas fábricas no mundo que fazem esse tipo de equipamento que eles queriam (uma norte-americana e outra europeia). Vieram os revendedores, foi feita a licitação e ganhou a da Europa, mas tudo isso levou um ano.

Em 1996, o novo equipamento foi colocado em funcionamento e, outra vez, era único na América Latina, o primeiro a ser operado por computador, e isso foi um salto enorme, não só em termos quantitativos como qualitativos. “Realmente, sua instalação ampliou nossos horizontes, e começamos a fazer coisas que não podíamos fazer antes, o que nos projetou tremendamente no exterior. Nosso grupo cresceu e começamos a mandar alunos a outros países para fazer pós-doutorado.” O docente explica que começou um processo de internacionalização de ida e vinda, ou seja, se ficou sabendo que existe uma cidade chamada Porto Alegre na qual há um laboratório muito bom. Consequentemente, diferentes grupos começaram a interagir com o da UFRGS. Esse intercâmbio se deu basicamente com Argentina, França, Alemanha, Espanha e México. “Esse eu acho que foi um momento realmente feliz, em que a gente vinha para o trabalho com fe-

licidade. O horizonte não tinha limite. Estou falando do final dos anos 90. No início deste século, a coisa cresceu mais, e hoje em dia o nosso laboratório é o mais importante dentro do Departamento de Física e conhecido em todos os continentes.”

Isso deu um prestígio tal ao grupo que este passou a organizar, a partir de 1995, quatro conferências internacionais, que se tornaram as mais populares da sua área de pesquisa. Em 2010, ele e Zawislak deixaram seus cargos de coordenador do laboratório e de diretor, respectivamente, em função da aposentadoria. Uma nova geração tomou a condução da equipe. O diretor atual é Pedro Luis Grande, um dos colegas que o professor destaca por “sua trajetória fulgurante”, que inclui ter feito o doutorado direto – sem passar pelo mestrado – na Alemanha, onde ficou quatro anos, sendo dois como bolsista do CNPq. Faz questão de salientar, também, que o nível do grupo como um todo é muito bom e que há vários outros docentes brilhantes na equipe de Implantação Iônica.

Como a maioria dos colegas, Behar viveu uma série de histórias curiosas quando ainda lecionava na graduação. Uma que o marcou ocorreu na época em que o curso estava no prédio antigo do Instituto de Física, no Campus Centro. Ele tinha

um aluno que ou chegava atrasado ou faltava, mas era bom na disciplina. Um belo dia, o chamou e lhe disse: “Olha, tchê, vamos chegar a um acordo: quantas aulas tu achas que podes faltar até o final do semestre? Vamos botar um limite”. O jovem falou “quatro”, e ele aceitou. “Faltou à primeira, à segunda – não seguidas – e completou as quatro. Bem, a partir daí não poderia mais deixar de estar presente. Um dia que tínhamos aula, chovia torrencialmente, estava tudo alagado e eu, obviamente, estava lá, mas tínhamos poucos alunos. Pensei no camarada ‘tudo bem, se hoje ele não vier está perdoadado’, e o cara aparece todo molhado e me diz: ‘não, professor, eu vim porque ia ser a quinta vez’. Eu lhe disse ‘bom, que pena, porque eu pensava que não virias e ia te perdoar desta vez’.” Aquele estudante participou de todas as outras aulas, foi aprovado, e hoje é professor da Universidade Federal de Santa Maria.

Por ter vivido as duas realidades, ele percebe grandes diferenças entre as universidades brasileiras e as argentinas. Uma delas é a questão da aposentadoria, que no Brasil é compulsória aos 70 anos. No país vizinho, as instituições públicas de ensino superior têm mais autonomia e cada uma pode definir, inclusive, esse ponto. Em algumas, o

docente é que decide quando quer se aposentar, mas a maioria adota 65 anos como idade limite, a exemplo de outros países da Europa. Outro tema em que quase não há semelhança entre os dois países é o da hierarquia na carreira. “Para nós, na Argentina, professor titular era Deus, isto é, ninguém, jamais, questionaria um deles. Não passava pela cabeça de alguém pôr em dúvida seus conhecimentos e atitudes, porque eram pessoas de altíssimo nível, superconhecidas e famosas.” Para dar uma ideia de como funciona a estrutura lá, conta um fato que ocorreu quando cursava Física na Universidade de Buenos Aires.

“Nós tínhamos um professor titular que estava ministrando uma disciplina e realmente não estava atuando muito bem como tal. Lecionava, mas não era bom e cometia erros. Então, um belo dia, nós formamos uma comissão e fomos falar com o diretor do Departamento, que também era titular. Ele disse ‘tudo bem, vou falar com ele’, e o fez, voltando com a promessa de que a situação melhoraria. A aula seguinte foi outro desastre e nós fomos conversar com o diretor outra vez. ‘Se continuar assim, nós não vamos mais à aula e acabou’, dissemos. As aulas não

1982

INGRESSA NA CARREIRA DOCENTE DA UFRGS

240

1993

CURSA PÓS-DOCTORADO NO MAX PLANCK
INSTITUT HEIDELBERG (ALEMANHA)

241

eram obrigatórias. Ele disse algo que só depois entendi, 'eu não posso substituí-lo porque ele é titular'. Respondemos que, se ele não poderia ser substituído, desistiríamos da matéria em bloco. Para resolver o impasse e não diminuir o professor, o próprio diretor do Departamento assumiu as aulas daquele docente. Isso me marcou para toda a vida. Quando cheguei aqui para fazer concurso à vaga de titular (nos anos 80), descobri que aqui ser professor titular não significa nada, não tem qualquer privilégio e é questionado como qualquer outro professor. Não existe hierarquia como, por exemplo, existe na Alemanha ou na Argentina."

Por enquanto, Behar não sente falta da rotina de docente porque continua fazendo a sua pesquisa e ministra um curso de pós-graduação todos os anos, que o mantém ativo na parte de ensino. Diz que tem um bom relacionamento com seus colaboradores e que estes, de alguma maneira, substituem os estudantes que costumava orientar. Explica que, quando alguém se aposenta, a atividade começa a decair, porque os alunos querem ter a segurança de que o orientador vai estar até o fim do trabalho, e deixam de procurá-lo.

Quem quer continuar trabalhando pode requerer ser professor colaborador, apresentando um plano de pesquisa e de ensino. Com isso, ganha quatro anos de sobrevivência profissional, podendo utilizar todas as facilidades. A única coisa que não pode fazer é participar da vida política da Universidade. A atividade tem continuidade com base na colaboração de antigos alunos que agora são professores e na interação com o exterior que, no caso de Behar, se dá principalmente com Argentina, Espanha e França. "Por um lado, acho cedo, mas por outro, tem certa lógica, porque não há vagas infinitas para professor, e a fila tem de andar."

Em relação ao presente, diz que, olhando desde a Física, a UFRGS deu um salto qualitativo com o projeto Reuni (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, do Ministério da Educação), por meio do qual incorporou muitos docentes e recebeu bastante dinheiro. Acha que a instituição está progredindo, mas ressalva que "é difícil competir, por razões geográficas, com a USP e a de Campinas, e também porque uma universidade estadual tem muito mais recurso que uma federal". Em sua opinião, a Física está muito bem, o que é comprovado pelo conceito 7 da Capes (Coordenação de Aperfei-



Foto: Thiago Cruz

MONI BEHAR É UM DOS FUNDADORES DO LABORATÓRIO DE IMPLANTAÇÃO IÔNICA DO INSTITUTO DE FÍSICA DA UFRGS, CONSIDERADO O MELHOR DA AMÉRICA LATINA EM SUA ÁREA E REFERÊNCIA INTERNACIONAL

çoamento de Pessoal de Nível Superior). Dentro do Instituto, além do seu grupo, ele destaca o da Astronomia, "considerado um dos melhores do país e que tem ampla interação internacional". Comenta que na parte teórica também há grupos muito bons. "Assim que vejo o futuro, com otimismo, pois estamos mantendo o conceito máximo há muitos anos."

Para o emérito, o ponto alto da sua vida na Universidade foi ter construído, ao longo dos anos, um laboratório que é referência mundial. "Obviamente, existem laboratórios mais

bem equipados que o nosso no mundo, mas são laboratórios nacionais nos EUA, na Alemanha e na Inglaterra. Que eu saiba, não há nenhum laboratório universitário que tenha as características do nosso. Isso é a herança que a gente está deixando. Partimos do zero e chegamos a um patamar muito bom." Diz sentir orgulho também dos profissionais que formou ou ajudou a formar e de saber que 80% dos integrantes atuais do seu grupo foram seus alunos. "Isso dá um panorama um pouco geral de por que a gente está contente."

1996

UM NOVO EQUIPAMENTO - O IMPLANTADOR TANDEM DE 3MV - É COLOCADO EM FUNCIONAMENTO NO LABORATÓRIO DE IMPLANTAÇÃO IÔNICA DO IF